

O PAPEL DA DIDÁTICA NOS CURSOS DE PEDAGOGIA

Roberta Moreira de Souza, Faculdade Flamingo
romosouza@gmail.com

RESUMO

O trabalho de Conclusão de Curso aqui exposto teve suas raízes numa preocupação há muito já instituída que se traduz nos caminhos assumidos pelos cursos de Pedagogia. Os principais objetivos são o de detectar o papel da disciplina didática na formação de professores nos cursos de Pedagogia; identificar as bases desse ensino para a formação dos professores. Perguntamos então: Quais as necessidades de um curso de Pedagogia para atender à formação de professores no que concerne à didática? Qual o papel dessa disciplina na formação dos futuros professores? A metodologia utilizada foi qualitativa exploratória e bibliográfica por meio de pesquisas em livros, periódicos e Internet buscando ampliar a compreensão do objeto de estudo e dos Programas de Ensino dos docentes de futuros professores.

Palavras-chave: Pedagogia - Didática – Docência - Planejamento.

Data de recebimento: 02/06/2020

Data de aceite: 15/06/2020

Data de publicação: 30/06/2020

INTRODUÇÃO

O artigo aqui exposto teve suas raízes numa preocupação há muito já instituída que se traduz nos caminhos assumidos pelos cursos de Pedagogia.

A partir daí, estabelecemos como prioridade o papel da disciplina Didática em cursos de Pedagogia, primeiro por sua carga horária expressiva e segundo pela relevância na formação de Educadores. Acreditamos que essa disciplina contribui para a melhor compreensão, pelos futuros profissionais do ensino, de questões relacionadas ao papel do professor junto aos seus alunos, bem como os processos de aprendizagem e das suas necessidades teórico-práticas.

A Educação em geral e a Pedagogia em Particular tem como um de seus principais papéis inserir as pessoas em uma dada cultura por meio de conhecimentos construídos a partir de diferentes formas de agir e de pensar perante necessidades e desafios surgidas na vida em sociedade.

Diante do exposto, voltamos nossa atenção para o ensino da Didática nos cursos de Pedagogia, compreendendo em que bases esse ensino ocorre e como pode se concretizar no trabalho dos professores. Perguntamos então: Quais as necessidades de um curso de

Pedagogia para atender à formação de professores no que concerne à didática? Qual o papel dessa disciplina na formação dos futuros professores?

Os principais objetivos são o de detectar o papel da disciplina didática na formação de professores nos cursos de Pedagogia; identificar as bases desse ensino para a formação dos professores.

A metodologia utilizada foi a qualitativa exploratória e bibliográfica por meio de pesquisas em livros, periódicos e Internet buscando ampliar a compreensão do objeto de estudo e dos Programas de Ensino dos docentes de futuros professores. Dessa forma, procuramos mostrar como se mostra o papel da Didática para os futuros professores formados em cursos de Pedagogia.

Alertamos que uma dada disciplina necessita ser estudada e repensada constantemente. Além do domínio de conteúdos e de técnicas de ensino, os profissionais de Educação e de Didática precisam estar preparados para articularem saberes selecionados com algum critério e consciência quanto às necessidades dos alunos.

Para tanto, organizamos o texto em capítulos: Na introdução apresentamos e justificamos a nossa escolha. No primeiro capítulo intitulado Pedagogia, o professor e o ensino universitário: breve caracterização, apresentamos alguns aspectos que consideramos relevantes para os objetivos desse estudo referentes ao sentido geral da Pedagogia e o papel do professor para o ensino universitário. No segundo capítulo delineamos, ainda que brevemente, a didática seus conceitos e sua importância ao longo do processo histórico. No terceiro capítulo discutimos sobre como planejar seu trabalho, elaborar um plano de disciplina desde a ementa até as referências; elaborar um cronograma de trabalho seja semestral ou anual. No quarto e último capítulo esboçamos uma proposta de plano de ensino para a disciplina didática em um curso de graduação de Pedagogia. Seguindo as considerações finais e referências utilizadas.

1. PEDAGOGIA, O PROFESSOR E O ENSINO UNIVERSITÁRIO

A sociedade contemporânea interage com o mundo e, nesse sentido, se a escola prepara o indivíduo para viver em sociedade é porque o sistema escolar é urgentemente solicitado a fornecer conhecimentos e competências requeridas para uma participação eficaz nessa sociedade (LIBÂNEO, 2003). Assim, a escola, por intermédio da atuação do pedagogo leva os conteúdos para o contexto social e cria para o indivíduo um ambiente que o convida a continuar aprendendo e também ensinando, porque entendemos a dinâmica do processo educativo que nos toma até quando consideramos que estamos atuando no sentido de promover a aprendizagem. Libâneo define:

Pedagogia é uma área de conhecimento que investiga a realidade educativa no geral e no particular. Mediante conhecimentos científicos, filosóficos e técnico-profissionais, ela busca a explicitação de objetivos, formas de intervenção metodológica e organizativa em instâncias da atividade educativa implicadas no processo de transmissão, apropriação ativa dos saberes e modos de ação. (LIBÂNEO, 2003, p.44)

Para Libâneo a partir do entendimento de Pedagogia como área de conhecimento, decorre a existência da profissão de Pedagogo e de um curso de graduação que reflete sobre a teoria, investiga os objetivos sócio políticos e os meios de organização e metodologias. Tal entendimento de Pedagogia, que engloba uma profissão, um curso superior e a área de conhecimento correspondente, supera o conceito comum que lhe é atribuído, como uma simples metodologia, um procedimento de ensino ou uma prática de ensino.

A reflexão sobre o curso de Pedagogia expressa em diversas pesquisas e publicações, tem o objetivo de expandir esse conceito, quebrar os paradigmas que impedem sua compreensão na perspectiva apontada.

No início do século XX, sua história foi marcada por algumas indefinições, podemos perceber ainda no século XXI, dúvidas, uma sucessão de qualidades e indefinições no desenvolvimento teórico e na formação do pedagogo, o que, conseqüentemente, leva a visões parciais, reducionistas e de senso comum.

Em levantamento realizado Brzezinski (1996), o curso de Pedagogia no Brasil, surgiu na década de 1930, período que foi propício para a manifestação de fatos educacionais, que foram causa e consequência de um conjunto de acontecimentos socioeconômicos e culturais, período marcado também pela eclosão da Revolução de 30. E a Revolução foi o marco da periodização da evolução pedagógica no Brasil. A década de 1930 também foi à época da criação das primeiras universidades brasileiras.

O Professor e o Ensino Universitário

O professor universitário vive, na atualidade, uma situação complexa, onde de um lado tem a instituição em que trabalha cobrando agilidade e competência e de outro os alunos com perfis diferenciados, cada um cobrando algo diferente. O professor terá que ter preparo para lidar com toda a diversidade de situações ao mesmo tempo e na mesma sala de aula. Acreditamos que seja justamente aí que entra a importância da Didática, como reflexão de como deve ser um bom professor? “O ‘bom professor’ é aquele que contribui com criatividade e inovação para que o aluno aprenda a pensar com os instrumentos conceituais próprios de seu campo do saber e a atuar na realidade de forma prática e objetiva.” (NUNES E OLIVEIRA, 2014). FREIRE (1996, p.86) afirma também que: “O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.” Neste sentido, temos a matriz curricular do curso que deve dar conta das reflexões e discussões pertinentes. A Didática é, ao nosso ver, parte importante desse processo, seja pela carga horária que somada aos estágios é a maior do curso de Pedagogia (centro de nosso interesse), seja pelos conhecimentos que pode proporcionar.

Em primeiro lugar, os professores universitários precisam ser competentes no que fazem. Isto significa ter amplo e profundo conhecimento da disciplina que irá lecionar. É preciso saber muito mais do que o que está estabelecido no Programa, pois durante as aulas surgirão perguntas dos alunos, muitas vezes inesperadas e se o docente não tiver essa visão mais ampla, não conseguirá dar conta de atender seu aluno. Em segundo lugar, o professor é, sem dúvida, um eterno aprendiz, pois o mundo muda, seus alunos mudam, muitas características da sua disciplina mudam. Em terceiro lugar, o professor além de conhecer os conteúdos referentes à disciplina que leciona, tem a obrigação de se manter atualizado em seus conhecimentos gerais e, também saber relacionar as matérias, pois não existe conhecimento que não se relacione com outros conhecimentos. Em quarto lugar, o professor tem a obrigação de saber todos os seus deveres legais e sociais referentes à profissão. Em quinto lugar, o docente necessita de habilidades pedagógicas que, em última instância, referem-se às relações de todos os conhecimentos adquiridos ao longo de sua carreira acadêmica, lembrando que seus estudos não terminam ao concluir um curso. É preciso estudar e se preparar, sempre.

Professor Tradicional

Bem pouco espaço ocupa este tipo de professor no contexto atual. Mas ainda que seja raro, ele existe. É o professor que se sente dono do saber. Que não aceita a participação dos alunos, que exige silêncio absoluto enquanto fala e pouco ouve. Esta postura acaba por inibir qualquer atitude do estudante referente à sua participação durante a aula. Neste caso, o professor é o que ensina e o aluno é o que aprende. Muito mais presente até a década de 70 do século passado, onde o docente era considerado como uma pessoa que tinha, por obrigação, ser compenetrado e muito sério, que não podia e não devia externar sentimentos. Está em sala de aula para transmitir saberes científicos acumulados historicamente e que ele próprio considera relevantes para o conhecimento do aluno. (MIZUKAMI, 1986)

Professor Reflexivo

Diferentemente do professor tradicional, o professor reflexivo não é o detentor do conhecimento e nem o aluno é aquele ser passivo que está em aula somente para receber os saberes dominados pelo mestre. Há sim, uma produção conjunta, resultado de inúmeras reflexões e discussões que irão propiciar, ao estudante, a autoaprendizagem.

O professor reflexivo é, também, aquele que ajuda seus alunos a buscarem a capacidade de realização de trabalho autônomo e crítico. Nesta vertente, considera-se a aprendizagem como o foco e não o ensino.

Segundo Alarcão (2003), o professor reflexivo é aquele que pensa, que é intelectual e que tem a capacidade de saber desempenhar suas funções resolvendo os problemas que se apresentam diariamente.

Professor Facilitador

O professor facilitador é aquele que Rogers (1986), definiu como alguém que sabe mais sobre determinado assunto e que por isso tem condições de orientar quem não sabe. Neste caso, ele defende que não precisa ser, necessariamente, a figura de um professor, então propunha facilitadores de aprendizagens. Num grupo, por exemplo, sempre há alguém que sabe mais sobre um determinado assunto do que os outros. Esse, que sabe mais, dirige a discussão e todos colaboram numa interação que propicia a verdadeira aprendizagem.

Professor Mediador

Quem tratou da figura do professor como um mediador de aprendizagens foi Vygotsky (1991). Para ele, existe alguém que quer aprender (aluno) e alguém que pode ensinar (professor). O docente então, faz a mediação para que o aluno chegue, por si, à aprendizagem.

Para explicar melhor essa mediação, Vygotsky expõe o que ele denomina como Níveis de Desenvolvimento Real e Potencial. Real é tudo aquilo que já faz parte do aprendiz, o que ele já incorporou, já aprendeu. Potencial, por sua vez, é tudo aquilo que o aluno tem capacidade para aprender.

Entre esses dois níveis, encontra-se o que o teórico chama de Zona de Desenvolvimento Proximal. É exatamente aí que o professor atua, tornando real o que já era potencial e assim sucessivamente.

Professor Pesquisador

Esta é inclusive uma exigência Legal e necessária. Para ser professor universitário hoje, necessitamos sermos pesquisadores, termos bases científicas comprováveis de tudo que dissermos. Os “achismos” não são mais aceitáveis em nossos dias. Basta perceber que ao docente do Ensino Superior é pedido logo na entrevista de emprego e ao longo de sua carreira, certificados de participação em atividades científicas, publicações e cursos de pós-graduação que preparam eminentemente para a pesquisa.

Enfim, um professor, seja universitário ou não, se forma durante toda sua vida profissional. Podemos escolher ser um pouco de cada um dos modelos apresentados, ou tantos outros existentes, conforme sejam os trabalhos que estiverem desenvolvendo. O importante é que tenhamos em mente que um professor não se forma de um dia para o outro, ou somente com conhecimentos específicos, ou ainda, com uma “suposta” didática eficiente. Isso não é possível. Necessitamos conhecer muito sobre como se forma e como se dá a continuidade dessa formação para sermos de fato um professor, tendo em mente que nenhum conteúdo é suficiente por si só. Eles apenas são alternativas possíveis para que saibamos buscar nossa própria autonomia profissional.

Não existe fórmula mágica para a profissão escolhida. Existe sim, muito conhecimento e muita responsabilidade da parte de todos para que tentemos formar profissionais que saibam lidar com um mundo real, um mundo concreto, repleto de contradições que fazem essa profissão – Docência Universitária – ser simplesmente apaixonante e completamente desafiadora.

Nós destacamos aqui, somente algumas características que consideramos primordiais no desempenho das funções enquanto professores universitários embora saibamos que ser Professor Universitário é muito mais do que o que foi apresentado. Muitas outras competências poderiam ser discutidas como, por exemplo, ser espontâneo sem cair no ridículo; ter boa dicção; versatilidade; iniciativa; disciplina; paciência; boa memória; criatividade; criticidade; inteligência... dentre tantas outras.

A Didática ajuda a formar o tipo de professor adequado ao estilo particular de cada um, mas muito mais importante é ter identificado o modo ideal de atingir ao número máximo de alunos que for possível.

2. O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL E A DIDÁTICA

A produção da didática tem privilegiado de modo quase exclusivo a educação escolar. No entanto, hoje os processos educativos se desenvolvem a partir de diferentes configurações. A pluralidade de espaços, tempos e linguagens devem ser não somente reconhecidas, como promovidas. A educação não pode ser enquadrada numa lógica única. Neste sentido os professores e pesquisadores estão desafiados a pensar a didática referida a diferentes contextos sócio educativos. (CANDAU, 2002) Sendo assim, neste capítulo delineamos, ainda que brevemente, a didática seus conceitos e sua importância ao longo do processo histórico.

A Didática pode ser considerada um ramo da ciência pedagógica. Seu objeto de estudo é o processo de ensino. Sua característica é a mediação entre o que, o como e o para que desse processo que possibilita a formação do aluno por meio da matéria de estudo. (FORESTI E PEREIRA, 1999).

É ela que, de alguma forma, propicia condições para que os alunos conheçam os vários aspectos envolvidos na organização, estruturação e andamento das aulas, seja em qual nível da educação for, no sentido de desenvolverem uma melhor compreensão dos agentes que impulsionam e dos que entram o ensino e a aprendizagem dos estudantes. Além do que os prepara para a identificação e a análise das estratégias básicas de ensino e de avaliação, para que possam elaborar adequadamente seus planos de ensino e agir com habilidade e competência em sala de aula.

Isto porque, a Didática pode ser uma referência, pois, além de dar um panorama teórico, necessário para a contextualização da profissão, prepara o estudante e potencial futuro professor, para os desafios que os esperam num também futuro muito próximo.

O conhecimento e a habilidade são fundamentais para o manejo profissional condizente com as necessidades do curso ao qual o futuro professor desempenhará suas funções. Assim, saber identificar e escolher adequadamente os rumos do seu trabalho são condições prementes a quem deseja ser professor universitário.

Esta disciplina coloca à disposição do aluno, elementos que vão desde a simples informação, passando pela análise e reflexão crítica dos assuntos abordados, trazendo apoio teórico-prático responsável para uma atuação consciente e competente.

Entendemos que nossa responsabilidade enquanto educadores passa pelo aprofundamento de conhecimentos, pela discussão de experiências e vivências que deram certo, que possam, de alguma forma, colaborar para mudanças na universidade que aí está, inserida num contexto social relevante para a determinação de nossas ações, além do que, consideramos essencial que o professor domine o conteúdo que irá ministrar; sem isso, não há didática que dê conta de suprir as necessidades de qualquer aluno que seja.

Assim sendo, fica no passado o sentido de didática como pura e simplesmente “a arte de ensinar”, mesmo porque não se espera que um professor apenas ensine e sim, que ele dê conta de preparar seus alunos para saber ouvir e saber falar, saber interpretar e saber que é preciso, ser um eterno aprendiz, um estudioso e pesquisador de cada lição, ou de cada situação que lhe for apresentada.

Nesta breve apresentação, vale destacar que a didática nos prepara para todo e qualquer tipo de atividade que envolva participação de conhecimentos, desde a tarefa mais simples, como as diárias, corriqueiras, até as mais complexas como preparar uma reunião de trabalho, por exemplo. Afinal, estruturar, organizar, ter clareza na exposição, saber o que e como falar, entender quem está nos ouvindo, entre outros fatores, são essenciais a todo profissional e não somente ao professor universitário.

Até o ano de 1930 temos prevalência da Didática, no Brasil, como um conjunto de normas prescritivas que orientavam tecnicamente o ensino e o estudo. Não havia preocupação de se trabalhar em sala de aula com as questões da realidade social brasileira. Mas, o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova que ocorre em 1932, vem com a pretensão de reconstruir a escola num modelo que atenda a sociedade urbano-industrial. A repercussão do Movimento Escola Novista teve inspiração norte americana e propunha: valorização da criança; novo tipo de homem; didática como facilitadora da aprendizagem; a iniciativa e a autonomia do sujeito; o conhecimento deixa de ser o centro que passa para o sujeito que quer conhecer; a harmonia na sala de aula vista como forma democrática; ensinar bem e quantidade dá lugar para a qualidade. (GHIRALDELLI Jr, 2002).

Ainda segundo o autor, é evidente que ficamos somente nas propostas, pois o que se viu não foi uma renovação ou uma escola que a partir do Movimento, fosse tida como uma escola crítica do modelo tradicional que imperava, até então, embora há que se ressaltar sua aparente importância social, enfatizando a dignidade e o valor do ser humano, valor este que, no caso da escola, refere-se ao aluno.

Destacamos que a Didática é influenciada pelo Movimento da Escola Nova, dando mais valor para a prática e a técnica do ensino e da aprendizagem; contudo, ainda não se nota, neste momento, preocupação com o contexto social e político, mas baseia-se nos fundamentos da Psicologia da Aprendizagem. Seus princípios: liberdade, atividade e individualização.

Em meio a essa situação (1934), é instituída a disciplina Didática nos cursos destinados à formação de professores, a Revolução de 1930 modifica o modelo sócio econômico. Nesse mesmo ano é criado o Ministério da Educação e Saúde Pública; junto com

a instalação da Universidade de São Paulo (USP-SP), a didática começa a ser ministrada nos cursos superiores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. (GHIRALDELLI Jr, 2002).

Até os anos 60 do século XX, presenciamos alguma alteração nas propostas da Didática, com o predomínio na Metodologia e não mais na aquisição do conhecimento, pura e simplesmente. Mas, ainda não se percebe, na prática, relação do quê e como se ensina com o contexto sócio político social da época. É nesta década que vivenciamos a difusão pelos órgãos oficiais do Modelo Tecnocista.

Assim, o que se depreende é que no período compreendido entre 1930 e 1945, temos uma educação e consequentemente uma Didática marcadas pelas influências tanto da concepção humanista tradicional, vinda da Igreja Católica, dominante na época, quanto da concepção humanista moderna vinda dos Pioneiros da Escola Nova. (GHIRALDELLI Jr, 2002).

Já ao considerarmos o período entre 1945 e 1960, vivenciamos novas ideias, inclusive da Didática que, ainda não levava em conta o contexto sócio econômico, sendo eminentemente pragmatista.

Após 1964, época da efervescência da Ditadura Militar, o Sistema Educacional Brasileiro sofria influências diretas dos acordos MEC/USAID, que sustentaram as reformas do Ensino Superior e o Ensino de 1º. e 2º. Graus. Vivíamos a crise da Pedagogia Nova que dava lugar ao tecnicismo assumido pelos militares e tecnocratas da época. A Didática sofre toda a influência dos acontecimentos históricos sociais e sua atuação acabava sendo limitada a uma postura técnica com o objetivo que o processo de ensino fosse eficaz e eficiente. (GHIRALDELLI Jr, 2002)

A partir de 1970, com as teorias crítico-reprodutivistas em voga, apesar de elas levarem em conta os aspectos sociais, têm funções claras de reproduzir as condições vigentes e a Didática segue esse caminho, muito embora tivesse sofrido questionamentos que culminaram com uma revisão e alteração de seus rumos. (MIZUKAMI, 1986).

Já em 1980, a filosofia da educação e suas concepções dialéticas que valorizava o ser concreto e sua interação com o mundo (PIAGET, 1983); a educação não mais se via centrada nem no professor, nem tão pouco no aluno; o foco passa a ser a formação integral do homem. Com essa nova perspectiva, a Didática contribui com o papel sócio político da educação. Vencer as barreiras dos métodos e técnicas simplesmente, apontando para uma necessidade mais abrangente que associe teoria e prática, escola e sociedade, conteúdo e forma, ensino e pesquisa, professor e aluno.

Assim, podemos dizer que hoje vivemos uma situação bem diferente da que vimos desde o seu surgimento, até meados de 1980. Não se concebe mais uma Didática somente preocupada com os métodos e as técnicas de ensino. Cada um de nós, que pretende enfrentar uma sala de aula, notadamente no Ensino Superior, precisa considerar o aluno como um ser situado historicamente que é resultado também das experiências que pôde ter no passado. Ele é um ser concreto, real. O professor, por sua vez, passa a ser um mediador da aprendizagem (VYGOTSKY, 2003). É ele que irá, por meio da Didática, fazer a relação entre aquilo que o aluno já sabe com aquilo que o aluno necessita saber.

Pensando assim, a Didática tem, agora, uma função diferente, mais complexa e mais completa: tornar vivo o papel político da educação, da escola e do ensino, pois só existe escola porque existe sociedade; só existe teoria porque existe a prática e vice-versa.

3. O PROFESSOR, A DOCÊNCIA E O PLANEJAMENTO

Podemos considerar a docência sob o ponto de vista de uma prática social que deve sempre ser transformada e construída a partir de outras práticas, estudos e pesquisas sobre o assunto que tenham condições de uma efetiva concretização na prática. A docência como

prática social, “[...] configura-se por meio de condições institucionais e de trabalho, remuneração, organização da categoria, planos de saúde, direitos previdenciários e sociais, carreira e estatuto do magistério” (VEIGA, 2010, p. 18). Já a docência encarada enquanto trabalho intelectual necessita de aprofundamento de conhecimentos no sentido de saber articular a teoria e a prática, relacionando a sala de aula com a sociedade em que a mesma se insere. Além do domínio dos conhecimentos específicos da área a ser trabalhada, o docente precisa vivenciar experiências que enriqueçam as relações em sala de aula. Assim, com a fundamentação necessária, o professor reconstrói constantemente o seu fazer. Neste capítulo, discorreremos sobre como planejar seu trabalho, elaborar um plano de disciplina desde a ementa até as referências; elaborar um cronograma de trabalho seja semestral ou anual.

Formação Docente e o Planejamento

O processo de formação docente no Ensino Superior deve ser pensado crítica e reflexivamente sendo pesquisadores constantes de sua prática docente.

Consideramos o planejamento enquanto processo que tem como finalidade preparar tudo que vai ser desenvolvido posteriormente. Costumamos dizer que planejar é pensar o futuro, ou melhor, o que queremos do futuro, sempre pensando nos objetivos que pretendemos alcançar.

O Planejamento educacional é o que é definido e estabelecido mediante documentos baseados em políticas e projetos que orientam os meios necessários para o alcance dos objetivos que se pretende atingir. (LIBÂNEO, 2003)

O Planejamento Institucional é o desenvolvido pelas Instituições de Ensino Superior contendo a sua filosofia de trabalho, sua missão e as diretrizes pedagógicas que serão responsáveis por nortear as ações a serem implementadas pelas Instituições de Ensino Superiores (IES). (LIBÂNEO, 2003)

O Planejamento Curricular que de acordo com o definido no anterior, ou seja, no planejamento institucional, cada curso prepara o seu planejamento específico, dando organização ao conjunto de ações a serem desenvolvidas do início ao final do mesmo curso. Isto quer dizer que cada curso é estruturado e definido em seu todo antes mesmo de seu início já tem que ser aprovado pelos órgãos competentes. (LIBÂNEO, 2003)

O Planejamento de Ensino é bem distinto, pois embora os anteriores possam ter a participação dos professores universitários, quando requisitado, é o Planejamento de Ensino de responsabilidade prioritária de seus docentes. (LIBÂNEO, 2003)

Todas as decisões, objetivos, conteúdos ou mesmo como tudo isso será colocado em prática, são de total responsabilidade dos respectivos professores. Sempre obedecendo o que foi estabelecido nos níveis anteriores. Isto quer dizer que o docente tem certa liberdade para montar sua disciplina, mas terá esta que ter sintonia com os demais planejamentos, bem como sintonia com as demais disciplinas que serão trabalhadas no mesmo curso.

Planos: Tipos e Características

Plano é a concretização do planejamento e no caso do trabalho docente pode ser dividido em: plano de disciplina que tem o papel de organizar o que será trabalhado ao longo do período da mesma e plano de aula que é a menor unidade do plano de disciplina, ou seja, a definição e organização das atividades aula a aula, de acordo com os objetivos propostos.

O Que Precisamos Saber para a elaboração Do Plano De Disciplina?

1. Todo plano de disciplina tem partes específicas e coerentes com o que se pretende.

2. O plano deve ser relacionado com a totalidade do curso, ou seja, vocês futuros professores, precisam ter clareza do que será desenvolvido em sua disciplina, bem como quais relações mantém com as outras disciplinas que compõem o curso. Conhecer a matriz curricular é essencial. Costumamos dizer que o professor deve sempre ter a visão do todo, relacionado à formação de seu aluno, portanto saberá contextualizar sua disciplina identificando o que porventura já tenha sido dado anteriormente em outras disciplinas, como a sua estrutura e complementa as que virão posteriormente.
3. Conhecer o aluno é fundamental, saber das suas necessidades, carências, para poder auxiliá-lo a vencer as barreiras existentes.
4. Ter claro os objetivos a serem alcançados assim como saber, de fato, como conseguir atingi-los.
5. Pensar em conteúdos possíveis para atender aos objetivos propostos.
6. Ter clareza entre o que irá desenvolver e o tempo que terá para isso. Finalmente, nada de colocar um plano, por melhor que seja, à frente das reais necessidades surgidas em uma sala de aula, isto é, é preciso ter flexibilidade para atender situações inesperadas. (VEIGA, 2010)

A forma como costumamos organizar um Plano de trabalho docente pode sofrer alterações conforme a instituição a qual prestamos nossos serviços como professores. O que não muda são os itens e respectivas características que todos terão.

CONCLUSÃO

As concepções de Didática vêm se modificando de acordo com o momento histórico. É preciso que o professor saiba o seu papel em sala de aula. Ele precisa se inteirar das especificidades de seus alunos para então pensar no desenvolvimento dos seus conteúdos. Não se pode conceber um professor copista ou apenas reprodutor de conhecimentos. O verdadeiro docente necessita ter claras as relações entre o saber e a prática pedagógica.

A pesquisa realizada que resultou no texto aqui apresentado tentou mostrar o papel da didática nos cursos de Pedagogia, por entender ser fundamental no desempenho das funções docentes. Temos consciência de que este foi apenas um recorte devido às limitações de tempo e espaço e que o assunto merece muito mais aprofundamentos.

Nossa escolha se deu devido à relevância tanto do contexto educacional, quanto da disciplina em questão e suas características fundamentais, por entendermos que só se faz bem quando se sabe bem.

A proposta de um Programa da disciplina também recebeu um recorte que necessita tanto de requisitos prévios quanto de conhecimentos complementares. Mas, esperamos que, de alguma forma possamos contribuir com a ampliação das questões didáticas que podem se aplicar em qualquer área do conhecimento.

Acreditamos que entre as necessidades do curso de Pedagogia podemos destacar assim como Libâneo (2003), ela é uma área fundamental de conhecimento que investiga a realidade educativa no geral e no particular. Neste sentido, não podemos conceber como uma mera exposição de caminhos a seguir ou um receituário para o futuro educador e sim, um campo de constantes e incansáveis pesquisas e busca de novas possibilidades. Assim, este será, a nosso ver, o verdadeiro papel da Didática em cursos de Pedagogia.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. São Paulo: Cortez, 2003.
- BRZEZINSKI, Iria. Pedagogia, pedagogos e formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- CANDAU, Vera Maria. (org.). A didática hoje: uma agenda de trabalho. IN: CANDAU, Vera Maria. Didática, currículo e saberes escolares. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, 2ª ed. p. 149-160.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra, 1996.
- FORESTI, Miriam C. P. Porto e PEREIRA, Maria L. Toralles. Didática do ensino superior. São Paulo: Interface, v.3, n.5, 1999.
- GHIRALDELLI Jr., Paulo. Didática e teorias educacionais. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- LIBÂNEO, J.C. Didática. São Paulo: Cortez, 2003.
- MASETTO, Marcos T. Competência pedagógica para o professor universitário. São Paulo: Summus, 2003
- MIZUKAMI, Maria da G. N. As abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.
- NUNES, Ana Cláudia Oliveira; OLIVEIRA, Eva Cristina de Almeida Lôbo. Características do bom professor e sua influência na formação do aluno. Disponível em www.artigonal.com. Acesso em 20/01/2014.
- PIAGET, Jean. A epistemologia genética. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Coleção Os Pensadores.
- ROGERS, Carl. Liberdade de aprender em nossa década. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- VEIGA, I.P.A. Alternativas pedagógicas para a formação do professor da educação superior. In VEIGA, I.P.A. e VIANA, C.M.Q. Quixadá (orgs.). Docentes para o ensino superior: processos formativos. São Paulo-Campinas: Papirus, 2010, p.13-27.
- VYGOTSKY, L. A formação social da mente. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1991.
- VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

THE ROLE OF TEACHING IN PEDAGOGY COURSES

Roberta Moreira de Souza, Faculdade Flamingo
romosouza@gmail.com

ABSTRACT

The Final Paper exposed here had its roots in an old instituted concern, which translates in Pedagogy courses' assumed ways. The main objectives are to detect the teaching discipline's roles in the formation of teachers in Pedagogy courses; identify the teaching's basis for the formation of teachers. Then we wonder: What are the needs of a Pedagogy course to attend the teacher's formation with regard to the didactic? What is the role of this discipline in the formation of future teachers? The methodology used was exploratory and qualitative and bibliographic by means of books, journals and internet seeking to expand the understanding of the subject matter and educational schedules of future teachers' instructors.

Keywords: Pedagogy - Didactic - Teaching - Planning.